

FONTE : FSP

CLASS. : Fan 11.3

DATA : 29 11 89

PG. : D-4

Meio ambiente

O martírio ianomami

JOSÉ PEDRO DE OLIVEIRA COSTA

Os setores mais conscientes da nação brasileira acompanham com ansiedade e apreensão o desfecho da invasão, iniciada há mais de dois anos, da terra dos índios ianomami por garimpeiros. As notícias cada vez mais alarmantes sobre a inércia das autoridades em fazer cumprir a legislação e desalojar os invasores, acompanhadas de um número crescente de mortes de indígenas, aumentam a indignação desses setores e ampliam o já insuportável ultraje à dignidade nacional.

A questão indígena nunca foi fácil no Brasil, assim como em qualquer outro país das Américas. Há mais de 300 anos o padre Antonio Vieira já vociferava, com seu talento, contra o genocídio de nossa gente nativa. O que há para se pasmar nesse doloroso episódio é que, depois de passados cem anos da oficialização do fim da escravatura, vencido o genocídio nazista e superados os bombardeios atômicos ao Japão, a humanidade e nosso país ainda estejam mergulhados em tamanha infâmia. Deixar que uma população indefesa seja trucidada sem tomar qualquer medida em contrário deve ser considerado "crime contra a humanidade".

Não vamos aqui menosprezar a atração que o ouro exerce há milênios à ganância humana. Não fosse isso e a história não estaria ensanguentada pelas espadas de Cortez, Pizarro, e de tantos outros. Porém, essa cobiça desenfreada não pode ser justificativa para a posição paralisado-

ra da sociedade brasileira. O fato recente, quando a Polícia Federal informou não dispor de meios para cumprir a lei fazendo recuar os invasores, faz lembrar que quando esses mesmos garimpeiros invadiram a Venezuela foram expulsos de lá, em menos de uma semana, por esse país vizinho que soube fazer valer os seus brios. São situações ambíguas como esta que fazem com que o cacique Davi Ianomami cogite em devolver o prêmio Global 500 que recebeu da ONU.

O movimento ambientalista brasileiro vem desde sua constituição se preocupando com a sobrevivência e o livre desenvolvimento da cultura indígena. Recentemente reuniu-se para oferecer uma plataforma mínima aos presidentes. Nessas reuniões foi dada prioridade máxima à reivindicação de demarcação das terras indígenas e da retirada dos invasores desses territórios. Vimos com isto nos somarmos aos setores que não compactuam e não aceitam essa indignidade consentida. Do jeito como as coisas caminham, dentre os muitos desatinos do momento atual, a questão ianomami tende a cristalizar-se como a nódoa mais vergonhosa a denegrir para sempre e indelevelmente a história brasileira. Não podemos compactuar com tanta vergonha. Pelas reservas de nossa dignidade e pelo sangue que corre em nossas veias: basta!

JOSÉ PEDRO DE OLIVEIRA COSTA, 43, arquiteto, é conselheiro da União Internacional para a Conservação da Natureza.